

qualquer coisa de mais profundo". E acrescentava, numa espécie de paradoxo à Antonio Ferro: "Só admiro o brilho pechisbeque das cousas. Só amo o que mostra a fatuidade dos recortes sábios do artifício".<sup>13</sup>

Chegaria ele mais tarde, cerca da realização da Semana, a pôr em dúvida até mesmo a possibilidade moderna de uma estética:

O simples termo já é um contra-senso. A palavra estética entra na categoria melancólica dos vocábulos mortos, desses vocábulos que os dicionários registram e os inveterados amantes de cemitérios e museus empregam, mas que só têm um significado histórico e comemorativo.(...) Porque o traço mais característico da arte moderna é a ausência de estética. Só é possível uma estética da não estética.<sup>14</sup>

E o que ele advoga em troca? A ingenuidade, a inocência e, por seu intermédio, a originalidade. Coisa que não é possível sem, antes, abrir-se fogo contra a lógica e o bom senso: "A lógica", diz ele, "é um contra-senso inútil e maçante. Só no absurdo há verdade e encanto". Daí que "há mais potência criadora na tolice que em todas as manifestações de bom senso". E como estamos ainda em 1920, nada mais natural que invoque em seu favor os exemplos algo heterogêneos de Paul Fort, Francis Jamwes, Samain, Guérin e Anatole France. "A ingenuidade", escreve, "é a única deusa digna do culto de um espírito *raffiné*". Lamenta que os brasileiros a desprezem e atribui essa falha intelectual ao "nosso espírito ladino". No fundo, o que ele busca é o "primitivismo local" de que fala Roberto Schwarz a propósito do programa pau-brasil — a tônica nacional "que devolverá à cansada cultura européia o sentido moderno, quer dizer, livre da maceração cristã e do utilitarismo capitalista".<sup>15</sup> Apolônio conclui suas reflexões esparsas sobre o tópico apertando contra o peito, como um talismã, o achado estético dos dadaístas:

Ingenuidade! Tenho até vontade de cantar seu elogio num poema futurista. Só não o faço por não ter talento à altura do seu merecimento, e pelo pavor de pôr em versos reles a grandeza da comoção que ela me dá à vida. Ingenuidade, única deusa do meu culto! Virgem e mãe do sonho e da emoção! Eu te amo!<sup>16</sup>

Note-se que o canto de amor à "deusa única" relaciona-a, inesperadamente, a algo que até então não havia comparecido nos apontamentos de Apolônio: o futurismo. Portanto, a ingenuidade e a inocência são artigos futuristas. Ele desejaria expressar sua comoção num poema que, segundo suas novas convicções, não precisaria ser necessariamente perfeito, nem belo, nem lógico, mas sim destituído de intencionalidade. Nesse sentido, ele teria se antecipado mesmo a Oswald de Andrade, que tentou mais tarde uma interpretação triunfalista da inocência e da cultura do atraso. Apesar disso, sente-se travado pelo vezo clássico, que ele pratica desde a adolescência. É desse período um poema bem torneado em que ele compara a poesia parnasiana, a romântica e a futurista, com restrições às duas primeiras e clara preferência pela última. No entanto é significativo que o poema nada contenha da liberdade que reivindicava.

É alta e loira. E em ouro e altura  
estilizada.  
Orgulhosa e soberana,  
tem pose, gestos, figura  
e formas de escultura  
parnasiana.  
Mais nada.

De olhos cor da cinza, tristonhos,  
olheiras, *spleen* ou sono,  
não sei se filha dos meus sonhos  
ou figura de abandono.  
Dizem que tem uma paixão atlântica  
por certo moço louro e nunca  
lhe diz nada.  
É uma balada  
romântica.

Não sei da cor, não sei da altura,  
não sei do gesto.  
Há nela tal mistura  
de traços, cor, formas, posturas,  
chipre e sândalo  
que a estes meus olhos de burguês honesto  
é um escândalo  
de formosura!  
É a mais mulher por ser a mais artista:  
um poema futurista...<sup>17</sup>